
Quem forma editores no Brasil? O perfil docente das graduações em Edição, Editoração e Produção Editorial¹

Jean Silveira Rossi²

Sandra Depexe³

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Resumo

Consideramos que o campo dos estudos editoriais carece de auto-análises que permitam reflexões sobre elementos de sua composição e conjuntura atual. Assim, este trabalho procura identificar o perfil acadêmico de docentes vinculados aos cursos de graduação em Produção Editorial (UFSM, UFRJ e UAM), Editoração (USP) e Edição (CEFET-MG e UFMG). Mediante pesquisa documental em sites dos cursos, ofertas de disciplinas e currículos docentes disponibilizados na Plataforma Lattes (CNPq), definimos um corpus de 64 professores. Como aporte teórico, destacam-se as proposições de Muniz Jr. (2024) a respeito da formação em edição. A partir deste mapeamento, esperamos agrupar trajetórias e delinear aspectos comuns às carreiras desses educadores, como pistas acerca dos espaços formativos de editores no país.

Palavra-chave: formação docente; formação em edição; produção editorial.

Introdução

Este texto integra as discussões de tese em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, linha de pesquisa Mídias e Identidades Contemporâneas, e orientada pela professora Sandra Depexe. A temática do estudo volta-se à formação acadêmica em edição, editoração e produção editorial, com ênfase ao currículo e à identidade profissional nos cursos de ensino superior no país.

Assim, como recorte de pesquisa maior, este trabalho procura identificar o perfil acadêmico de docentes vinculados aos cursos de graduação em Produção Editorial (UFSM, UFRJ e UAM), Editoração (USP) e Edição (CEFET-MG e UFMG). Mediante pesquisa documental em sites dos cursos, ofertas de disciplinas e currículos docentes disponibilizados na Plataforma Lattes (CNPq)⁴, registramos um *corpus* de 64 professores (50 efetivos e 14 substitutos). Em termos absolutos, contudo, trabalhamos

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), graduado em Comunicação Social - Produção Editorial (UFSM), e-mail: jean.rossi@ufsm.br

³ Orientadora. Doutora em Comunicação, docente do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: sandra.depexe@ufsm.br.

⁴ Portal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) Disponível em <https://lattes.cnpq.br/>. Acesso em 10 jun. 2025.

com 63, pois uma docente é contabilizada duas vezes, como substituta e efetiva, em virtude de sua atuação em duas diferentes IES (Instituição de Ensino Superior).

Aqui trataremos especificamente das áreas em que realizaram graduação, mestrado e doutorado, como pistas para compreensão de suas trajetórias e filiações teórico-metodológicas iniciais. Em nossa análise, priorizamos a graduação, por assumir que é uma fase da formação que orienta a vida profissional e acadêmica, inclusive definindo privilégios e exclusões no campo científico (Bourdieu, 1983). Além disso, julgamos fundamental defender que posições como a de docente universitário em cursos de edição⁵ sejam também ocupadas por pessoas com formação na referida área.

Nessa direção, José Muniz Jr. (2024) inspirou este mapeamento exploratório ao tratar da formação de profissionais da edição no país, principalmente quando aponta para a composição heterogênea do corpo docente das formações editoriais. Diferente de outras áreas como Jornalismo e Publicidade que lograram uma organização mais endógena, os cursos de edição e as pesquisas no campo foram constituídos por pessoas e abordagens de diversas disciplinas (Muniz Jr, 2024). Por conseguinte, nosso intuito também visa corroborar de forma mais detalhada para compreensão do cenário docente.

Em busca da formação em edição: um banco de dados para os docentes

Este trabalho lança mão da pesquisa documental em sites dos cursos, ofertas de disciplinas e currículos publicados na Plataforma Lattes. Compreendemos que a utilização de documentos em investigações deve ser apreciada e valorizada nas Ciências Sociais e Humanas, permitindo ampliar a apreensão de objetos de pesquisa que demandam contextualização histórica e sociocultural (Sá-Silva *et al.*, 2009). Ao adotar esse método, objetivamos não apenas extração quantitativa de informações, mas a organização, categorização, análise e síntese desse material. Dessa forma, nossas ações estão “estão impregnadas de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos” (Sá-Silva *et al.*, 2009, p. 4).

Elencamos como critérios de escolha a busca por docentes (efetivos ou substitutos) que ministram (ou ministraram) disciplinas obrigatórias específicas da

⁵ Usamos a nomenclatura “Edição” para nos referir aos seis cursos investigados.

formação editorial⁶ nos últimos cinco semestres letivos (2023/1 a 2025/1) dos cursos de Produção Editorial (UFRJ, UFSM e UAM), Editoração (USP) e Edição (CEFET-MG e UFMG). Logo, são quatro cursos da área de Comunicação e dois de Letras, uma formação que em nosso país caracteriza-se por ser anfíbia com “dupla ancoragem disciplinar e institucional” (Muniz Jr., 2024, p. 153).

Nesse sentido, nossos dados foram coletados no período de 07/05/2025 a 14/05/2025, com base nas grades de horários dos respectivos semestres letivos e de informações disponíveis nos sites dos cursos e nos currículos Lattes dos servidores. Em segundo momento, foram analisados dados contidos nos currículos dos docentes, especialmente para construção de categorias analíticas possíveis de serem mapeadas.

Assim, consideramos os seguintes elementos para organização do material e construção de indicadores analíticos: link do currículo; data da última atualização; IES; nome do docente; gênero⁷; área/cursos das titulações acadêmicas (graduação, especialização, mestrado e doutorado) e as respectivas IES onde cursou cada uma; ano de ingresso como docente do curso; lotação atual (departamento/instituição); regime de trabalho (efetivo/substituto), tempo de serviço como docente do curso; disciplinas (obrigatórias e do eixo profissionalizante) ministradas entre 2023/1 e 2025/1; atuação na pós-graduação (sim/não); tempo de docência anterior ao vínculo no curso; experiência no mercado de trabalho (sim/não); áreas de atuação no mercado; tempo de mercado anterior ao vínculo no curso; e uma aba para eventuais observações.

Neste levantamento inicial, apresentamos informações gerais de nosso banco de dados, tais como: gênero, instituição, regime de trabalho e áreas nas quais as e os docentes obtiveram titulação em nível de graduação, mestrado e doutorado. A partir dos critérios de consulta, foram encontrados 64 registros de docentes (50 efetivos e 14 substitutos). Como já explicado, em termos absolutos trabalhamos com 63 pessoas, pois uma docente teve dupla vinculação institucional (UFRJ como substituta e efetiva, e USP como efetiva atualmente), então optamos por contabilizá-la duas vezes, incluindo na tabela 1 todos os registros encontrados.

⁶ Longe de propor uma definição única de o que é ou não uma disciplina do eixo editorial (ou profissionalizante), optamos por delimitar pelos componentes curriculares específicos das formações, conforme a categorização disposta nos Projetos Políticos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) de cada IES.

⁷ Categorização realizada a partir dos nomes que se aproximavam mais de nomes femininos ou masculinos, de acordo com formas nominais usuais no Brasil, também para respeitar a autoatribuição de docentes trans, por exemplo. Este tipo de classificação tem limitações para o caso de pessoas não-binárias, além de não permitir discernimento entre pessoas cis e trans, embora seja uma forma de sistematização que nos possibilita pistas para marcadores de gênero.

Tabela 1 - Número de docentes com atuação em disciplinas profissionalizantes obrigatórias dos cursos de edição entre 2023/1 e 2025/1

CURSOS/IES	CRIAÇÃO	Efetivos (E)	Substitutos (S)	E+S
Produção Editorial/UFRJ	1971	11	5	16
Editoração/USP	1972	10	1	11
Produção Editorial/UAM	1972	6	0	6
Letras - Edição/UFGM	2007 ⁸	4	2	6
Produção Editorial/UFSM	2010	8	3	11
Letras - Tecnologias de Edição/CEFET-MG	2010	11	3	14
TOTAL		50	14	64
DOCENTES COM FORMAÇÃO EM EDIÇÃO		5	7	12

Fonte: Elaboração própria.

Dos 64 docentes, apuramos 33 professoras (ou 32 em termos absolutos) e 31 professores, indicando certa equidade em valores quantitativos. Esse cenário altera-se quando se observam separadamente os cursos, pois em quatro deles as docentes mulheres são maioria: Anhembi Morumbi, UFSM, UFRJ e UFMG (este último com apenas um professor e cinco professoras). Já no bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição do CEFET-MG e no curso de Editoração da USP, o gênero masculino é maioria. No curso mineiro, registramos nove professores e cinco professoras, enquanto na graduação da instituição paulista, encontramos oito docentes do gênero masculino e três do feminino. Embora os dados contemplem efetivos e substitutos que ministraram disciplinas obrigatórias de edição nos últimos dois anos, ao delimitarmos apenas pelo corpo docente efetivo, o cenário permanece semelhante para as seis instituições.

A formação em edição é presente na trajetória de 12 docentes, ou 11 em termos absolutos, uma parcela de aproximadamente 20% do total. Ao segmentarmos por regime de trabalho, entre os 50 efetivos, há apenas cinco (10%) com graduação em edição. Logo, a cada 10 professores efetivos em cursos de edição, apenas um possui graduação na área onde atua. Por outro lado, os sete substitutos com formação editorial representam metade do total do corpo docente temporário (14), ou seja, percebemos uma maior atuação de egressos dos cursos de edição, editoração e produção editorial no regime de trabalho temporário.

⁸ Anteriormente o curso possuía ênfase em edição. A partir de 2018, tornou-se dedicado integralmente à área editorial. Disponível em: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/objetivo-e-historia/>. Acesso em 11 jun. 2025.

Uma questão importante recai sobre quando as pessoas formadas na área ingressaram como docentes efetivos dos cursos analisados. Na USP e na UFSM, isso ocorreu em 2023 e 2025, respectivamente. Na UAM, os dois efetivos, graduados pela própria instituição, ingressaram entre 2019 e 2020. No CEFET-MG, encontramos um docente graduado em Editoração pela USP que ingressou em 2018, isto é, sete anos atrás, o período mais distante mapeado neste estudo. Nos cursos da UFMG e UFRJ, infelizmente não encontramos docentes com esse perfil, no período analisado.

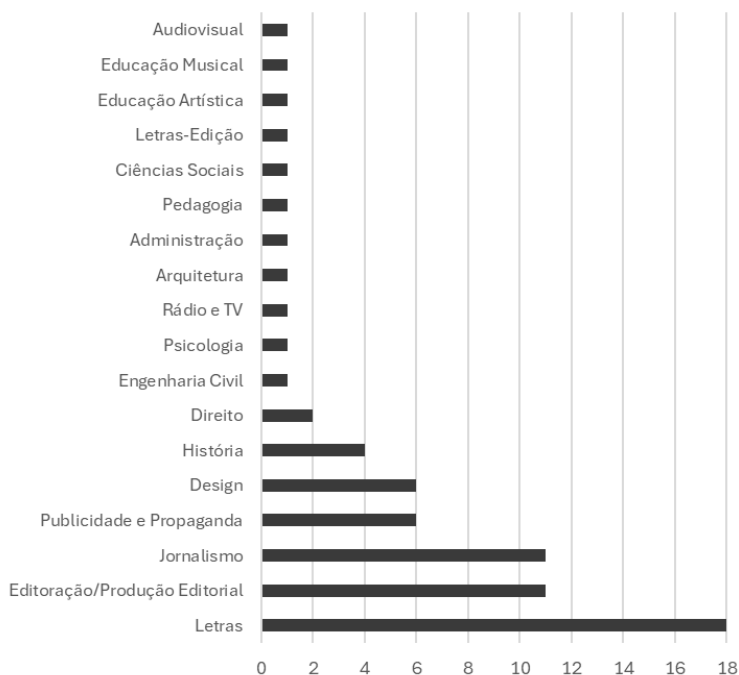
Embora não tenhamos investigado outros professores efetivos com formação editorial atuantes em período anterior ao analisado, podemos afirmar, salvo eventuais casos não identificados, que os cursos de edição começaram a absorver docentes com formação específica na área há pouco tempo, principalmente se pensarmos que os cursos da UFRJ, USP e UAM possuem mais de meio século. Concordamos com a hipótese de Muniz Jr. (2024, p. 146): esse fenômeno “[...] se deve pelo menos em parte, ao número reduzido de egressos dessa habilitação, e ainda menor dos que decidiram trilhar percursos na docência e na pesquisa”. Ora, devido à configuração acadêmica do campo editorial, os cinco profissionais mapeados integram um grupo seletivo (e insuficiente) de docentes efetivos dentre um campo educacional constituído por seis cursos de graduação com ingresso anual de centenas de estudantes.

Cabe pontuar que, durante o breve período analisado, houve o caso de dois egressos que passaram de temporários a efetivos (um na UFSM e uma na USP)⁹. Dito isso, vislumbramos que esses profissionais estão gradualmente buscando inserção na docência universitária em sua área, em meio a colegas de trabalho com formação heterogênea e transdisciplinar (Muniz Jr., 2024).

Nessa direção, o gráfico 1 explora detalhadamente as formações do corpo docente em nível de graduação. Aqui é importante informar, de modo geral para todos os gráficos, que contabilizamos conjuntamente as formações em andamento e as concluídas, compreendendo o contexto dos servidores temporários que estão cursando outras graduações. Os casos de docentes com mais de uma graduação foram igualmente considerados. Da amostra total, encontramos sete pessoas nesta modalidade, sendo seis com duas graduações e uma com três.

⁹ Diferente do caso da USP, o docente da UFSM foi contado apenas como efetivo, pois continuou na mesma IES.

Gráfico 1 - Formação docente em nível de graduação



Fonte: Elaboração própria.

Ao visualizar o gráfico, podemos inferir que os docentes de edição possuem formação inicial em 18 cursos distintos. Cabe pontuar que agrupamos cursos de nomenclaturas diferentes, mas formação similar, como Programação Visual, Comunicação Visual e Desenho Industrial no eixo “Design” e as diferentes formações de Letras num só campo, exceto o curso de Letras-Edição, devido ao caráter particular dos cursos do CEFET-MG e da UFMG. Apesar disso, registramos apenas uma docente substituta na UFMG¹⁰ com essa graduação entre o *corpus* total analisado. Isso também indica a lacuna de profissionais das Letras-Edição nos próprios cursos da área com ênfase em Edição. No caso do CEFET-MG, notamos mais docentes temporários ou efetivos da Editoração ou Produção Editorial do que da formação editorial em sua própria área de origem, neste caso Letras-Edição. Se considerada a formação geral em Letras (português, inglês...), porém, as IES mineiras possuem maioria do corpo docente graduado na área.

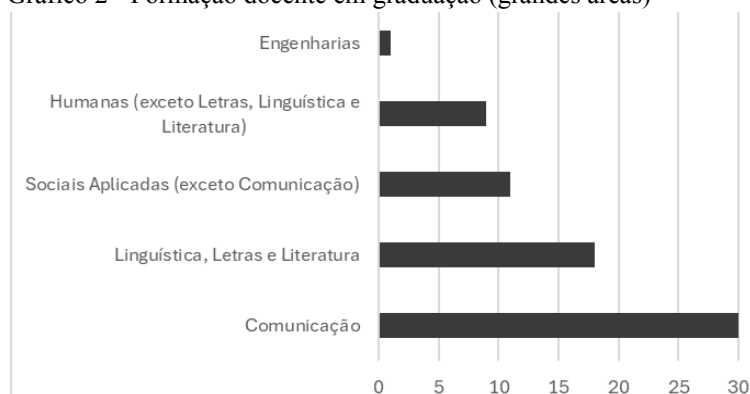
Embora, isoladamente, as Letras predominem na formação de graduação, se agruparmos as grandes áreas¹¹ (gráfico 2), veremos que o cenário altera-se a favor da Comunicação em decorrência de suas habilitações. Tal mudança não é surpresa, afinal

¹⁰ A docente graduou-se em Letras-Edição no CEFET-MG.

¹¹ Conforme classificação por Áreas do Conhecimento da CAPES.

dentre os seis cursos de nosso *corpus*, quatro estão alocados na Comunicação. Se agruparmos ainda mais o conjunto, teremos 41 docentes advindos das Ciências Sociais Aplicadas; 27 das Humanas; e um das Engenharias.

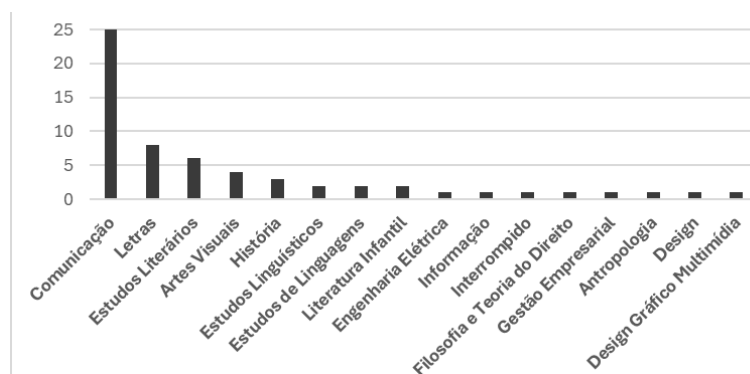
Gráfico 2 - Formação docente em graduação (grandes áreas)



Fonte: Elaboração própria.

Corroborando com o cenário, a formação docente em nível de mestrado (gráfico 3) permanece com maioria em PPGs da Comunicação e pulverizada entre 16 outros.

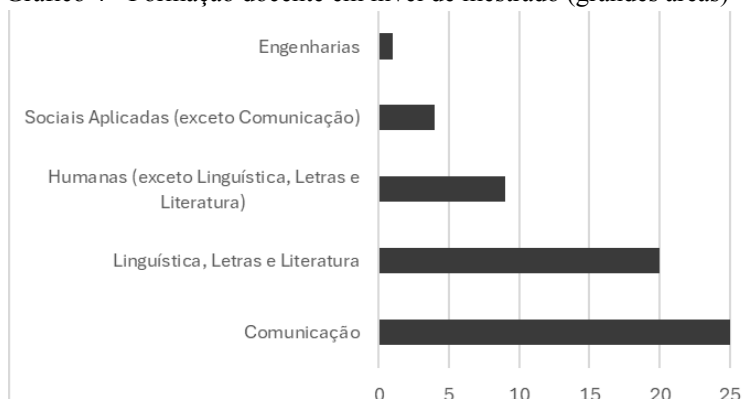
Gráfico 3 - Formação docente em nível de mestrado



Fonte: Elaboração própria.

Para manter maior isonomia na comparação, agrupamos formações similares, como o eixo “Estudos Literários” que inclui mestrados em Literatura, Estudos de Literatura, Teoria da Literatura e, claro, em Estudos Literários. No caso comunicacional, associamos mestrados em Comunicação e Semiótica e Comunicação e Cultura ao eixo “Comunicação”. Já na reunião das grandes áreas (gráfico 4), é possível perceber o “peso” do campo “Linguística, Letras e Literatura” nos mestrados cursados pelos docentes, aproximando-se da formação comunicacional.

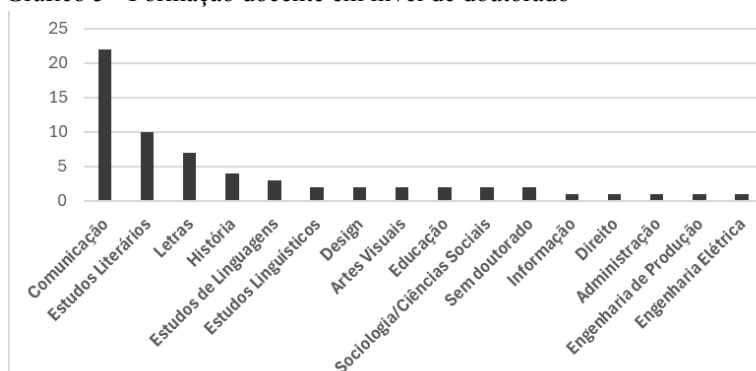
Gráfico 4 - Formação docente em nível de mestrado (grandes áreas)



Fonte: Elaboração própria.

O cenário transforma-se na análise da formação em nível de doutorado, ainda que isoladamente a Comunicação siga predominante (gráfico 5).

Gráfico 5 - Formação docente em nível de doutorado



Fonte: Elaboração própria.

Ao reunir em grandes áreas (gráfico 6), percebemos uma equivalência entre os campos da Comunicação e da Linguística, Letras e Literatura, com 22 docentes cada¹². Na comparação integral com as “Sociais Aplicadas” (27), a “balança pende” para as Humanas (32). Vale destacar que dois docentes da Anhembi Morumbi não informaram doutorado (nem mesmo em andamento) em seus currículos Lattes.

¹² A contagem duplicada informada anteriormente refere-se a uma docente que realizou doutorado em Educação, ou seja, não interfere na relação Letras-Comunicação.

Gráfico 6 - Formação docente em nível de doutorado (grandes áreas)



Fonte: Elaboração própria.

Isto posto, refletir sobre a formação dos docentes atuantes nos cursos de edição pode contribuir com o desvelamento das relações profissionais no campo científico editorial, desde os desafios de ingresso até as oportunidades na carreira acadêmica (que não são alheios às normativas e contextos que regem as IES). Propomos essa discussão também como um mirante para visualizar o desenho e a atualização dos currículos dos cursos, aproximando-se do campo formativo via trajetória docente como a porta de entrada para nosso objetivo maior: compreender como se configura a formação acadêmica em edição no Brasil.

Considerações finais

A ação de embrenhar-se pelas ofertas dos cursos e currículos dos docentes trouxe novas reflexões para a tese, porque ajudou a construir uma perspectiva mais complexa do mapa da formação editorial no país. Nesse trajeto, visualizamos a carência de profissionais graduados na área e atuantes como docentes em cursos de edição. Reiteramos as constatações de Muniz Jr. (2024), acerca da formação heterogênea dos docentes, com ancoragem majoritária nos campos das Letras e da Comunicação, mas evidenciamos que isso não se aplica de forma expressiva às formações específicas em edição presentes nessas duas áreas.

Se na pesquisa documental arriscamos a nos defrontar com inconsistências entre a realidade e o registro documentado (Sá-Silva *et al.*, 2009), na busca em sites, ofertas e Plataforma Lattes, devemos atentar para a possibilidade de arquivos estarem desatualizados ou mesmo para o modo como os docentes registram (e omitem) informações em seus currículos. Além disso, devido aos critérios estabelecidos,

entendemos que professores atuantes exclusivamente em disciplinas eletivas/optativas ou que, porventura, estiveram em afastamento no período, ficaram fora do *corpus*. Aumentamos o período de análise, anteriormente previsto para 2024/2 e 2025/1, justamente para minimizar essa fragilidade metodológica. Mesmo assim, reconhecemos que seria oportuno expandir a consulta, contudo a falta de acesso às grades anteriores a 2023 de algumas IES inviabilizou o movimento. Felizmente, esperamos acessar as ofertas futuras, ao menos até 2025/2, fechando seis semestres letivos de observação.

A exclusão de componentes optativos ou eletivos ocorreu tendo em vista que são disciplinas flutuantes entre semestres, demandando um mapeamento próprio. Por outro lado, docentes de disciplinas obrigatórias de uma maneira geral estão mais próximos aos cursos, como membros de NDEs, coordenadores de projetos, entre outras atividades. Cabe pontuar que as disciplinas dedicadas à metodologia, projeto de TCC, orientação/elaboração de TCC foram desconsideradas neste momento, por também necessitar de análise particular.

Demarcamos que, na tese em construção, haverá mais fôlego para análise das questões aqui abordadas, bem como das demais categorias presentes em nosso “banco de dados editorial”. Esse movimento possibilitará apreender novos matizes pedagógicos, sociais e históricos relativos aos contornos da formação editorial no país.

Referências

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

MUNIZ JR., José de Souza. Anfíbia e ambígua: a formação de profissionais da edição no Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 23, n. 47, p. 144-15, 2024.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2009.